

As diferentes grafias dos ditongos variáveis em textos de escrita inicial

Marco Antônio Adamoli

Resumo

Neste artigo, apresentamos uma discussão na qual determinados erros relativos à grafia dos ditongos variáveis 'ai', 'ei' e 'ou' são interpretados como relacionados a aspectos do conhecimento linguístico da criança acerca desses grupos vocálicos. Os dados que serviram de base para nossa análise foram extraídos de aproximadamente 950 textos produzidos por crianças brasileiras pertencentes a uma primeira e a uma segunda série do ensino fundamental de duas escolas da cidade de Pelotas-RS. O exame das grafias, que contêm a sequência vocálica em foco, revela a complexidade da aquisição dos ditongos variáveis e mostra que, entre formas corretas e apagamentos, se pode entrever, por meio da análise das grafias escolhidas, a construção de hipóteses da criança que, muitas vezes, toma como base aquilo que já aprendeu sobre a estrutura fonológica da língua.

Palavras-chave: aquisição da escrita; grafia dos ditongos variáveis; ortografia; fonologia.

The different writing of the variable diphthongs in the initial written texts

Abstract

This paper presents a discussion in which certain mistakes regarding the writing of the variable diphthongs 'ai', 'ei' and 'ou' are interpreted as being related to aspects of the children's linguistic knowledge about these vowel

groups. Data for this analysis were collected in approximately 950 texts written by Brazilian first and second graders in two schools in Pelotas, RS. The analysis of the spelling which contains the vowel sequence under investigation reveals the complexity of the acquisition of variable diphthongs. Besides, taking into consideration the correct forms and semivowel deletion or insertion, the analysis of the spelling chosen by the children enables the researcher to see the hypotheses they have constructed since they are usually based on what the children have already learned about the phonological structure of the language.

Keywords: writing acquisition; spelling of variable diphthongs; orthography; phonology.

Introdução

Entender as motivações de ordem linguística, especialmente fonológica, que levam aprendizes de escrita ao erro ortográfico tem sido uma tarefa cada vez mais frequente entre estudiosos (ABAURRE, 1987, 1990, 1999; CHACON 2004, 2005, 2006, 2007; CUNHA, 2005, 2010; MIRANDA 2006, 2007; ADAMOLI & MIRANDA 2010; ADAMOLI, 2006; entre outros) na busca por respostas a esse tipo de desvio. As interpretações advindas desses trabalhos têm-nos permitido compreender as relações que estabelecem as crianças quando diante da tarefa de produzir suas escritas iniciais.

Dados de escrita de crianças pertencentes às primeiras séries do ensino fundamental têm-nos revelado que, subjacentemente aos erros ortográficos, estão em jogo diferentes características da língua, tanto oral quanto escrita, já inferidas por elas. Tal afirmação, no entanto, só pode ser feita quando nos deparamos com dados concretos desse período inicial, no caso deste estudo, de um aspecto ortográfico cuja aprendizagem nas escolas é, em geral, bastante precoce – os chamados ditongos variáveis do Português Brasileiro, a saber, ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’, em posição medial. Precisamente, centraremos nosso olhar em ocorrências de apagamentos e acréscimos dos grafemas responsáveis pelas semivogais – ‘i’ e ‘u’ – desses grupos vocálicos.

Dentre os diferentes erros ortográficos encontrados nas produções escritas iniciais, aqueles observados em relação à grafia dos ditongos mencionados são merecedores de um olhar mais atento, uma vez que revelam muito da percepção linguística da criança e também do conhecimento aprendido na escola através do desenvolvimento de atividades de leitura e escrita. O erro infantil é por nós interpretado como fundamental no processo de aprendizagem da língua escrita – e não, portanto, como arbitrário, sem motivação; é entendido como necessário, ou intrinsecamente relacionado, à obtenção do *acerto* em etapas subsequentes da chamada aquisição da escrita.

Sobre os ditongos variáveis do PB

Camara Jr. (1977) prevê para o português um grupo de 11 ditongos orais decrescentes, dos quais três podem ter suas semivogais suprimidas na fala, a saber, [aj ~ a], [ej ~ e] e [ow ~ o], como nas palavras [kajʃa ~ kaʃa; pejʃi ~ peʃi; owtru ~ otru], por exemplo.

Em relação ao ditongo [ej], a semivogal [j] pode ser suprimida principalmente frente a três contextos fonológicos – /r/, /ʃ/ e /z/ –, como mostram os exemplos em (1). A supressão dessa semivogal é ainda percebida frente ao contexto de [g]¹, entretanto, tal fenômeno só é observado na palavra *manteiga*.

- (1) ['fejra] ~ ['fera] – feira
 ['pejʃe] ~ ['peʃe] – peixe
 [fej'zaw] ~ [fe'zaw] – feijão

¹ No P.B., existem apenas três palavras com o final *-eigo* (leigo, meigo e taleigo) e quatro com o final *-eiga* (manteiga, taleiga, teiga e veiga). Desses vocábulos, somente *leigo*, *meigo* e *manteiga* são utilizados com frequência pelos falantes.

Quanto à supressão da semivogal de [aj], no português brasileiro, o único ambiente diante do qual se constata o apagamento de [j] é o frente à palatal [ʃ], como expressa o exemplo em (2):

(2) ['kajʃa] ~ ['kaʃa] – caixa

Ao contrário dos dois grupos vocálicos recém referidos, cuja semivogal [j] pode ser suprimida diante de contextos específicos, o ditongo formado pela semivogal anterior, [ow], tende a sofrer redução na fala em praticamente todos os contextos fonológicos diante dos quais se encontra. Cabreira (1996), Paiva (1996) e Meneguini (1983) chegaram à conclusão de que, devido aos altos índices de supressão dessa semivogal, há uma mudança praticamente consumada nos falares das diversas regiões do Brasil. Em (3), são apresentados contextos em que esse ditongo pode ser reduzido:

(3) ['rowpa] ~ ['ropa] – roupa
 ['powko] ~ ['poko] – pouco
 [va'sowra] ~ [va'sora] – vassoura
 ['kowvi] ~ ['kovi] – couve
 ['owtru] ~ ['otru] – outro
 ['frowʃu] ~ ['froʃu] – frouxo
 ['rowbo] ~ ['robo] – roubo
 [a'sowgi] ~ [a'sogi] – açougue

Pesquisas variacionistas, ao abordarem esse fenômeno nas mais variadas regiões do país, têm constatado que o ditongo [ow], em se comparando a [aj] e [ej], praticamente não é mais produzido pelos falantes do português. Ao comparar o perfil do comportamento dessas duas semivogais, Paiva (1996), Meneghini (1983) e Cabreira (1996)

observaram uma tendência de maior disseminação da redução do ditongo [ow] em relação ao ditongo [ej]. Pode-se dizer que, em geral, a frequência de monotongação de [ej] é maior do que a de [aj] e menor do que a de [ow]. Se levarmos em consideração que (i) o ditongo [ow] sofre monotongação em todos os contextos; (ii) o ditongo [ej] reduz-se a [e] apenas em quatro ambientes²; e (iii) a sequência [aj] sofre redução diante de apenas um contexto, entenderemos o comportamento desses ditongos na fala.

A redução de ditongos a simples vogais é um fenômeno comum na fala dos brasileiros em geral e estendido, sobretudo, à escrita de crianças de séries iniciais, como veremos a seguir. Essa tendência a se suprimirem semivogais de alguns ditongos tem no latim vulgar sua origem, e em cujo período formas variantes como *ermeneumata* ~ *erminomata* e *saepis* ~ *sepis* já eram percebidas na fala (COUTINHO, 1976).

Aspectos metodológicos

Os dados ortográficos nos quais nos basearemos foram extraídos de textos produzidos de forma espontânea por crianças aprendizes de escrita pertencentes às duas primeiras séries do ensino fundamental. As produções textuais integram o Banco de Textos de Aquisição da Escrita, proveniente do Projeto de Pesquisa intitulado – *Aquisição e Desenvolvimento da escrita: Ortografia*³. À época em que os dados foram coletados, as crianças apresentavam idades entre seis e oito anos e frequentavam duas escolas da cidade de Pelotas/RS, uma pública e uma particular.

² Para Araújo (2000), há ainda outros dois contextos fonológicos que propiciam a monotongação: [n] e [a], como em (treino ~ treno/ meia ~ mea/ veia ~ vea).

³ Projeto desenvolvido no Departamento de Ensino da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, sob coordenação da Professora Dr. Ana Ruth Moresco Miranda. Pesquisa apoiada pelo CNPq – Processo nº 400882/2008-6.

Ainda que cerca de 950 produções escritas, referentes a dez coletas realizadas ao longo de dois anos, tenham servido de subsídio para nossa análise (cf. ADAMOLI, 2006), neste artigo serão apresentados e discutidos alguns dos textos analisados, os quais são representativos da amostra geral. Vale destacar que os textos do Banco foram produzidos a partir de oficinas de produção textual, cuja finalidade era a de motivar os alunos a escreverem com espontaneidade e criatividade.

Um olhar sobre os dados

No tocante à grafia dos ditongos variáveis, é muito comum os alunos suprimirem as semivogais 'i' e 'u' tal qual o fazem em sua língua falada, constituindo aquilo que se convencionou chamar de monotongação ou supressão de semivogais. Nos textos sobre os quais nos debruçamos, constatamos que dois dos três ditongos variáveis, os formados pela semivogal 'i', tiveram suas semivogais suprimidas principalmente diante das consoantes /ʃ/, som da língua representado graficamente pelas consoantes 'x' e 'ch', e /ʒ/, som representado pelos grafemas 'j' e 'g', em palavras como, respectivamente, 'xadrez', 'chuva', 'jeito' e 'gesto', como podemos observar nos textos apresentados em (1) e (2):

(1)

i o joão

joão vai pescar. ele pegou um peche e muito
 gêdo e kátia deu lijo no resto do joão sol e
 nuse cachá arene chalu miza com um peche
 cachá arene.

(2)

A teica
le sou passer aca teica ja pipi ramos es prementer?
sim esta muita grande ramos (de chit) menor
mas um pouco (beico) um pouco mais la quebra
para esta muita grande mata (deca) eu pto com
essa loufa

(1ª série – escola particular)

Esses dois textos exemplificam bem a complexidade do fenômeno mencionado. A supressão das semivogais pelas crianças em ‘pexe’, ‘bejo’, ‘catcha’, no texto em (1), e a grafia ‘decha’, no texto em (2), nos parece justificada se levarmos em consideração o fato de que, no período inicial da aquisição da escrita, podem ocorrer, segundo Abaurre (1999), alguns *vazamentos* da língua falada. Logo, para o aprendiz de escrita, de acordo com Kato (2002), a percepção das propriedades de um objeto, no caso aqui a língua escrita, torna-se mais fácil quando confrontado com outro de natureza semelhante; para a criança, a língua falada.

Quanto à discussão encontrada na literatura (MOREIRA e PONTECORVO, 1996; CHACON, 2008; ABAURRE, 1987 e 1999; entre outros) relativa à influência/interferência da língua falada sobre a escrita da criança quando das suas primeiras produções escritas, Abaurre (1987) afirma que, de um modo geral, as crianças recorrem à oralidade para construir hipóteses sobre a escrita, mas adverte acerca da complexidade que as aguarda em relação à escrita da própria fala e salienta que essa complexidade é percebida logo no início do processo de aquisição da escrita.

Em (2), chama-nos a atenção as diferentes grafias usadas pela criança para grafar o verbo “deixar”. Primeiramente ela o segmenta – *de char* – e, ao fazer isso, não grafa a semivogal, possivelmente por

considerar ambos os segmentos palavras distintas. Conforme Cunha (2004), esse tipo de hipersegmentação⁴ que separa uma palavra em duas, sendo a da esquerda uma palavra gramatical e a da direita uma palavra fonológica⁵, é o mais comum em textos de crianças de séries iniciais. A inserção do espaço, segundo a autora, pode ocorrer devido a duas motivações: a) o reconhecimento de um clítico, ou seja, as crianças reconhecem a sílaba átona inicial de uma palavra como um clítico e, portanto, separam-na; e b) a presença do acento primário da palavra, isto é, a estrutura que sobra à direita é uma palavra fonológica, por ser portadora de acento.

Se analisarmos que a criança hipersegmentou o verbo “deixar” por reconhecer na sua sílaba inicial o clítico “de”, podemos dizer que, para essa primeira representação gráfica da palavra, ela não considerou a existência do ditongo, como o faz na grafia seguinte, quando suprime o espaço que havia antes criado e escreve “deicha”. Logo após, observa-se a flutuação de “deicha” para “decha”.

Depois de resolvido o conflito quanto à segmentação do verbo, a criança apresenta flutuação no que diz respeito à grafia de “ei”. No primeiro momento, ela grafa o ditongo e, logo em seguida, não o grafa mais, parecendo haver, como nos demais dados desse tipo, forte motivação fonética. Exemplos como os recém discutidos nos mostram, na verdade, a ambiguidade gerada por essa estrutura à criança e indicam-nos, sobretudo a partir de exemplo “de char”, a existência de outros fatores em jogo, como o conhecimento que possuem sobre a prosódia da língua, além daqueles relacionados à influência da fala, quando se trata de grafarem os ditongos.

Interessante apontar que outro erro observado, inverso àquele mencionado anteriormente, é o que apresenta a inserção de semivogais

⁴ Inserção de um espaço dentro dos limites da palavra.

⁵ Palavra gramatical: não possui significado lexical, como os clíticos, por exemplo. Palavra fonológica: todas as estruturas que possuem um acento primário e que, mesmo não tendo significado conhecido na língua, são candidatas potenciais a se tornarem uma palavra do léxico (CUNHA, 2004).

em contextos nos quais não encontramos esse grupo vocálico. Os textos em (3) e (4) apresentam exemplos daquilo que queremos ilustrar.

(3)

Os amigões de floranta
Um dia o tatu e o cavalo se peicharam na
floranta.
O cavalo falou assim o tatu a onde vamos
morar?
Não sei
como vai e como mora
para eu sei pode ser tatucaamba.

(2ª série – escola particular)

(4)

Jodes iam para o parque de diversão se divertir.
O dono do Zoológico teve que fixar o Zoológico.
Mas o dono chegou e disse:
- Ei, eu parei de ler o jornal se você me
conseguir uma roupa de jornal.
- Também eu consigo uma roupa de jornal pra você.

(2ª série – escola particular)

Acreditamos que, numa tentativa de corrigir os erros de transcrição da fala, as crianças começam a atentar para diferenças existentes entre língua falada e língua escrita e caem em outro tipo de erro, aquele em que aplicam uma regra já aprendida a outros contextos, como revelam as grafias ‘peicharão’ e ‘fixar’, nos textos (3) e (4). Menn e Stoel-Gammon (1997) consideram a supergeneralização um indicativo da verdadeira aprendizagem, uma vez que evidencia que as crianças, ao usarem uma regra em um contexto em que ela normalmente não se aplicaria, parecem não se dar conta de sub-regularidades próprias do sistema ortográfico.

Ainda que palavras como essas não estejam grafadas de acordo com o que prescreve a norma ortográfica, é interessante notar que as crianças parecem já reconhecer os contextos fonológicos frente aos quais são grafados os ditongos ‘ai’ e ‘ei’. Mesmo sendo reduzido o número de casos, em se comparando aos de supressão, os erros referentes ao acréscimo de semivogais sinalizam também a apropriação do conhecimento ortográfico acerca dos grupos vocálicos sob análise.

Adamoli & Miranda (2010) sugerem que erros como os recém apresentados podem estar relacionados ao conhecimento fonológico do aprendiz acerca da consoante palatal. Assim, o surgimento da semivogal ‘i’ diante de /ʃ/, em palavras como ‘peicharão’ e ‘feixar’, não pode ser considerado gratuito, pois, por serem consideradas pela fonologia como consoantes complexas, /ʃ/ e /ʒ/ apresentam em sua estrutura interna, de acordo com a proposta da teoria autosegmental, características vocálicas (BISOL, 1994). De acordo com essa teoria (CLEMENTES, 1991), consoantes palatais são segmentos que apresentam articulação secundária, razão pela qual possuem, tanto traços consonantais propriamente ditos como traços vocálicos. Estes últimos podem espriar, como acontece com o traço secundário da palatal em contexto específico, isto é, precedido de /e/ e /a/ (COLLISCHONN, 1996), originando, assim, o glide epentético. A fim de ilustrar a diferença entre uma consoante simples e uma consoante complexa (CLEMENTES & HUME, 1995), apresentamos as representações a seguir.

Figura 1 – Representação de uma consoante simples

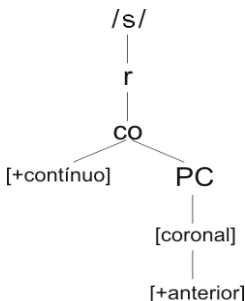
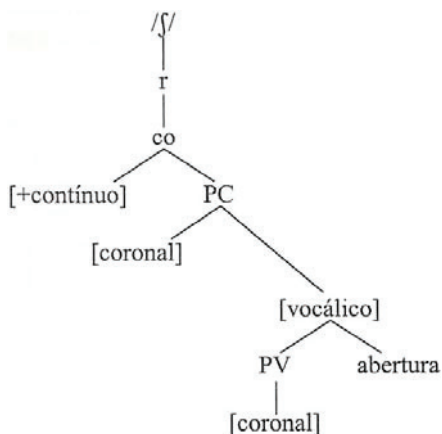


Figura 2 – Representação de uma consoante complexa



Na fala, essas consoantes seriam responsáveis, segundo Bisol (1994), pelo surgimento da semivogal em, por exemplo, palavras como [ra.pajf] e [dejf], típicas de alguns dialetos do Brasil. Na escrita, acreditamos que sejam também essas consoantes o motivo do surgimento da semivogal 'i' em palavras como as destacadas em (3) e (4).

É bem verdade que o número de ocorrências de acréscimos de vogais na escrita é significamente reduzido quando comparado ao de apagamento da semivogal de 'ei' e 'ai', mas essa constatação não nos impede de interpretarmos tais desvios como indícios de que os alunos estejam passando por processos evolutivos na aquisição gradativa das formas convencionais de se grafarem os ditongos, um momento particularmente importante para a escrita correta dessas estruturas em etapas subsequentes.

Outro contexto bastante influente para o surgimento de erros ortográficos envolvendo o ditongo 'ei', especialmente o de apagamento da semivogal, é o observado diante de /r/, como revela o texto (5).

Ainda que não sejam tão frequente em produções escritas iniciais, erros como este, e os de supergeneralização de modo geral, despertam nossa atenção justamente por revelarem movimento contrário àquele observado em relação à supressão da semivogal, como exemplifica o dado em (5), concernente às grafias ‘pagodero’. Como já referido anteriormente, consideramos que criança se baseia em seu conhecimento de língua durante o processo de apropriação da escrita para fazer muitas de suas escolhas gráficas. Isso nos leva a pensar nas possíveis razões para um erro como este, em que o aprendiz insere vogais em contextos nos quais elas são sistematicamente suprimidas na oralidade. Do ponto de vista da teoria fonológica, é possível explicar a motivação para esta inserção com base na proposta de Matzenauer (1995) de que a consoante rótica também contém um nó vocálico, assim como as consoantes palatais /ʃ/ e /ʒ/. Seguindo esta ideia, oferecemos exemplo da influência do conhecimento fonológico acionado pela criança para a grafia dessas estruturas.

Já de um ponto de vista mais amplo sobre o processo de aquisição da escrita, considerando especificamente o fenômeno da supergeneralização, podemos agregar à explicação fonológica, que nos permite compreender por que as inserções ocorrem antes de /r/, /ʃ/ e /ʒ/ (todas consoantes que apresentam dupla articulação), a ideia de que também influências que advêm das práticas de letramento, especialmente às relacionadas ao exercício da leitura e da escrita, podem ser responsáveis pela produção de dados como este, uma vez que a criança, por ter inferido a regra segundo a qual o ditongo não é pronunciado mas é grafado em contextos tais, estende-a a ambientes indevidos.

Outro grupo vocálico problemático aos aprendizes de escrita é o ‘ou’, como podemos observar nos textos (7) e (8) cujos dados destacados exemplificam o fenômeno. Estudos como os de Paiva (1996), Meneguini (1983) e Cabreira (1996) têm mostrado que o ditongo ‘ou’ vem perdendo o poder distintivo em praticamente todos os dialetos do português brasileiro. A distinção entre ‘couro/coro’ e ‘ouro/oro’ não é

mais sentida pelos falantes, e isso acaba se tornando um problema a mais não apenas aos pequenos aprendizes, mas também aos professores alfabetizadores, que necessitam de estratégias para ajudar seus alunos a vencerem as dificuldades ortográficas concernentes a esse grupo vocálico.

Pode-se afirmar que praticamente não são mais produzidas pelos falantes do português formas como ‘pouco’, ‘couro’ ou ‘roupa’, por exemplo, mas ‘poco’, ‘coro’ e ‘ropa’, respectivamente, dada a alta frequência de produção dessas palavras sem a semivogal pelos falantes (PAIVA, 1996; CABREIRA, 1996; ROCHA, 1998). Esse fato poderia explicar os índices também altos, em se comparando aos outros dois ditongos variáveis, de redução de ‘ou’ nas produções escritas infantis, principalmente em textos de alunos pertencentes à primeira série. Adamoli (2006), em seu estudo sobre a aquisição gráfica dos ditongos variáveis, constatou que a grafia desse ditongo foi a que mais dificuldade ofereceu às crianças. De 435 palavras que apresentaram contexto para a produção gráfica de ‘ou’, encontradas em aproximadamente 950 textos, 79 tiveram a semivogal suprimida, o equivalente a 18% do total de ocorrências.

(7)

O coelho gosta de comer cenoura e o coelho. Tem um pente e terra e o coelho tem um monte de coisas e ele tem um monte de barros

(1ª série – escola pública)

(8)

a belinha.
Era uma vez, uma belinha que
gostava muito de costurar muito
roupa e singatou para boutar
no gato e ela ficou bonita
E o bicho gostou e ela fez
uma maquiagem e ele ficou mais
bonito ficou mais bonito

(1ª série – escola particular)

Em (7) e (8), podemos observar a presença de formas alternantes nas grafias das crianças. Vemos que a criança autora do texto (7) parece não ter certeza de quando exatamente grafar a semivogal ‘u’, pois, frente ao mesmo contexto, o da consoante ‘r’, preserva a semivogal, como em ‘cenoura’, mas a suprime em ‘tesora’. No texto (8), a situação não é diferente à descrita anteriormente. A criança também demonstra suas incertezas quanto à grafia dessa estrutura. Primeiramente a suprime em ‘roupa’, mas em seguida a acrescenta em ‘boutou’ e ‘goustou’, palavras que não apresentam graficamente tal estrutura.

Em (8), parecem estar sendo estabelecidas pela criança características outras já percebidas pelo próprio processo de escolarização. Assim, dados como esses parecem sugerir que a inserção em práticas de letramento, a partir das atividades de leitura e escrita propostas em casa e principalmente na escola, pode levar a criança a pensar que, se ‘ou’ pode passar para ‘o’, na fala, conseqüentemente, ‘o’ pode ser grafado ‘ou’. A descoberta de tal relação, entretanto, nesse período em que se encontra, é capaz de levá-la a cometer erros ortográficos como os aqui apresentados, como *boutar* e *goustou*, por exemplo.

Interessante chamar a atenção para o fato de que em todos os casos citados anteriormente, nos quais as crianças inseriram uma semivogal – (3), (4), (6) e (8) –, não foi percebida qualquer infração ao sistema

gráfico de nossa língua, uma vez que o acréscimo da semivogal nos contextos em que apareceram são passíveis de explicação em se considerando as convenções fonológicas do português.

Considerações Finais

Através dos exemplos trazidos neste estudo, tentamos ilustrar um pouco o processo a partir do qual crianças em fase de alfabetização constroem seu conhecimento sobre o sistema ortográfico do português, mais especificamente no que diz respeito à grafia dos ditongos variáveis.

Os exemplos analisados parecem-nos constituir indícios de que a criança em fase de apropriação da escrita atua efetivamente sobre o objeto linguístico diante do qual se encontra. Assim, variações encontradas sobre uma mesma estrutura da língua revelam claramente uma criança que descobre relações e estabelece correspondências com objetos de natureza semelhante, enfim, aspectos esses que parecem convergir para uma reorganização do pensamento frente às estruturas de sua língua. Nessa caminhada, entretanto, podem surgir alguns percalços – os erros – que, em nosso entendimento, são evidências claras de que algo interno está, gradualmente, sendo reestruturado.

Logo, os textos analisados revelaram pelo menos três tendências para o surgimento dos erros ortográficos discutidos anteriormente: (i) influência da oralidade; (ii) da fonologia; e (iii) do próprio processo de escolarização.

Como vimos, as crianças revelaram em seus textos as incertezas quanto à escrita desses constituintes silábicos, mais precisamente a quando empregar as semivogais, uma vez que ora a preservam, ora a apagam, ora ainda a acrescentam. Esse fato nos autoriza a afirmar que, no estágio em que se encontram, parece ser entre erros e acertos que constroem suas representações gráficas sobre tais sequências vocálicas. Além disso, as dúvidas quanto à grafia desses grupos vocálicos revelam igualmente que elas estão se apropriando, mesmo que de forma mais

lenta, é verdade, dos princípios e convenções ortográficas adquiridas por meio de atividades de leitura e de escrita desenvolvidos na escola.

Em nosso entendimento, há, por trás dos erros cometidos pelas crianças em relação à grafia dos ditongos variáveis, um grande empenho cognitivo a ser levado em consideração. Ainda que consideradas incorretas em relação à norma, os erros discutidos ao longo desse estudo não são aleatórios, nem tão pouco demonstram desconhecimento da criança. Muito pelo contrário; são, pois, comuns e necessários ao seu aprendizado. Interpretamos tais desvios referentes à grafia desses ditongos como comuns, uma vez que são cometidos pela grande maioria das crianças aprendizes de escrita, independentemente do tipo de escola em que estudam (ADAMOLI, 2006; TASCA, 2002; MOLLICA, 1998); necessários, porque parecem constituir o caminho pelo qual precisam passar até chegarem ao acerto ortográfico em estágios subsequentes.

Referências

ABAURRE, M. B. *O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito?* Anais do GEL, 1987.

_____. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: LAMPRECHT, Regina (org.). *Aquisição da linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

ADAMOLI, M. A. *Aquisição dos ditongos orais mediais na escrita infantil: uma discussão entre ortografia e fonologia*. 2006. 119f. Dissertação – Curso de Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

ADAMOLI, M. A.; MIRANDA, A. R. *Do conhecimento fonológico ao conhecimento ortográfico: as diferentes grafias dos ditongos orais mediais 'ai' e 'ei' em textos de escrita inicial*. Cadernos de Pesquisa em Linguística, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 232-255, 2010

ARAÚJO, M. F. R. de. *Considerações sobre a monotongação do ditongo decrescente [ey] no dialeto de Caxias (MA)*. R. Letras, PUC-Campinas, 2000.

BISOL, Leda. *Ditongos derivados*. D.E.L.T.A., v. 10, n. Especial, p.123-140, 1994.

CABREIRA, S. H. *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. 1996. Dissertação – Curso de Mestrado em Letras, Instituto de Letras e Artes, PUCRS, Porto Alegre.

CAMARA JR. *Para um estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 1977.

CHACON, Lourenço. *Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p.223-232, 2004.

_____. *Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamento de práticas de oralidade e de letramento*. Estudos Linguísticos, Campinas, v. 34, p.77-86, 2005.

_____. *Prosódia e letramento em hipersegmentações; reflexões sobre a aquisição da noção de palavra*. In: CORRÊA, M. L. G. (org.) Ensino de língua: representação e letramento. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

_____. *Flutuação na segmentação de palavras: relações entre os constituintes prosódicos e convenções ortográficas na escrita infantil*. 2007.

_____. *Para além de vínculos diretos entre características fonético-segmentais e ortográficas na escrita infantil*. Rev. Estudos Linguísticos. Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 215-230, 2008.

CLEMENTS, G. *Place of articulation in consonants and vowels*. Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory, n. 5, p. 37 – 76, 1991.

CLEMENTS, G. & HUME, E. *The internal organization of speech sounds*. In: John Goldsmith (org.). The Handbook of Phonological Theory. London: Blackwell, 1995.

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em Português. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1996.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7. Ed. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, A. P. N. da. *A Hipo e a Hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia*. 2004. Dissertação – Curso de Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

KATO, Mary. *No mundo da escrita*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

MATZENAUER-HERNANDORENA, C. L. M. *Sobre a descrição de desvios fonológicos e de fenômenos da aquisição da fonologia*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 30, n.4, p.91-110, 1995.

MENEHINI, F. M. *O fenômeno da Monotongação em Ibiacá*. Porto Alegre, 1983. Dissertação – Curso de Mestrado em Letras, PUCRS.

MENN, L. & STOEL-GAMMOM, C. *Desenvolvimento Fonológico*. In: PLETCHER, P. & MAC WHINNEY, B. O compêndio da linguagem da criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MIRANDA, A. R. M. Aspectos da escrita espontânea e da sua relação com o conhecimento fonológico. In: LAMPRECHT, Regina. *Aquisição da Linguagem: estudos recentes no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2008 (no prelo)

_____. *A aquisição ortográfica das vogais do português – Relações com a fonologia e a morfologia*. Revista de Letras (Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM), n. 36, janeiro/junho de 2008b.

MOREIRA, N. R.; PONTECORVO, C. Chapeuzinho/Cappuletto: as variações gráficas e a norma ortográfica. In: FERREIRO, E.; PONTECORVO, C.; MOREIRA, N. R.; HIDALGO, I. *Chapeuzinho vermelho aprende a escrever*. São Paulo, Ática, 1996.

MOLLICA, M. C. *Influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

PAIVA, M. C. A. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: OLIVEIRA E SILVA, G.M & SCHERRE, M.M.P. (orgs.) *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

ROCHA, I. L. V. *A grafia de ditongos por crianças de séries iniciais: alguns problemas e comparações*. Porto Alegre, Letras de Hoje, nº 2, junho de 1998.

TASCA, Maria. *Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais – o papel de fatores linguísticos e sociais*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2002.

Marco Antônio Adamoli é graduado em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira – pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), mestre e doutorando em Educação pela mesma instituição. Pesquisa a aquisição gráfica ditongos variáveis e sua relação com o conhecimento linguístico da criança.

E-mail: marcoadamolli@ig.com.br

Submetido em: janeiro de 2010

Aceito em: março de 2010